

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesse: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

Sobre o acto eleitoral

Como prometemos, continuamos acompanhando esta fase da nossa vida política sem desânimos nem canseiras. O recenseamento eleitoral está em animosa effectuação a dentro do concelho. Faz-se com interesse, o que prova que os cidadãos têm a mais exacta noção dos seus deveres cívicos. Enquadrados nos princípios basilares da Democracia, havemos exortado os correligionários nossos a proceder imediatamente (e sem compromisso futuro) ao respectivo recenseamento.

Muito bem.

A propósito do movimento incessante e legalista dos cidadãos Republicanos, anda a imprensa monárquica badalando uma surda campanha de rancôr. A ela se não eximiu o nosso colega local «Comércio de Guimarães». Lamentamos que o colega enverede por tão errado caminho... dado o facto—jámais incontestado—de reputarmos a campanha destituida de qualquer argumento sério ou concreto. E' sobremaneira edificante que em todos os nossos actos—mesmo os menos expansivos—veja prenúncios de desordem ou de revolução. Mas, não é o «Comércio de Guimarães» o responsável da insinuação. Reflete-a apenas inconscientemente. Que outros jornais o dizem com certa velhacaria, sem um nadinha de pejos nem respeito pela dignidade alheia.

Qual o nosso mal?

—Acorreremos em união fraternal ao recenseamento eleitoral. Francamente é pouco!

Que prova isso contra nós?

—Uma coisa: o fazermos uso dum direito de que jamais abdicamos. Recenseamo-nos como cidadãos aptos a eleger livremente o que melhor nos parecer. Não nos consta que o Governo haja negado aos monárquicos o direito de votar. E' então para que se definham estes a fim de o mesmo nos ser negado a nós?

Eis o que resta saber.

O facto é que estamos dentro da ordem; e—muito ao contrário—se afastam dela os monárquicos ao alvejar-nos torpemente...

Não há lealdade de luta em tal processo. A verdade é que a não podemos exigir a um jornal monárquico. Que o «Comércio de Guimarães» (ou antes, o autor do arrazoado em questão), socegue. Em que lhe pese, está feita a União Republicana.

E estamos a recensear-nos.

Nada de equívocos.

XYZ.

Evolucionando...

Deu a sua adesão ao Partido Socialista, o sr. Carlos Ribeiro Forte, oficial de deligências do Juizo de Direito desta Comarca. O sr. Forte, que é um católico todo crente e piedoso, acaba de provar, com a sua attitude, que até os legítimos filhos de Deus dão o exemplo da evolução política. Ao nóvel Socialista, desejamos felicidades.

AGORA COMO DANTE Pelas Colónias

A «Carta de Lisboa»—interessante secção de «O Primeiro de Janeiro»—relatava, há poucos dias, algumas curiosas anotações sobre o pretenso bolchevismo espanhol. Do que lêmos, concluímos que um tal Wiliam Martin, redactor do «Journal de Genève», firmava nas colunas dêste um substancioso artigo que—referindo-se aos últimos acontecimentos de Espanha—bordava saborosos comentários àquela agitação. Afinal, o sr. W. Martin é da opinião dos políticos portugueses. Criteriosamente aprecia os acontecimentos pelo lado mais racional. E, um tanto conhecedor do meio em que as coisas se passaram, diz que ninguém pode vêr comunismo na queima dos conventos.

Já em pleno poderio borbónico se repetiram scenas mais atrozes, mais sangrentas, na Espanha. E até, que todos busquem na história visinha a narração da *semana sangrenta de Barcelona*. O que em Espanha se exhibia ameaçadoramente era a questão agrária, sobretudo na Andaluzia. Todavia, já Fernando de los Rios encontrou solução para o terrível problema.

Mesmo—se a queima dos conventos foi gerada por espíritos comunistas—porque não se repercutiram os assaltos na Barcelona operária, centro ou foco de ideias avançadas?

Como todos vemos, a teoria não colou. Aquilo é uma República verdadeira. Não tem mesclas de direitas nem de esquerdas. E' uma Democracia.

W. Martin é muito conservador, vem como o «Journal de Genève». Dizemos isto para obviar a que os monárquicos—compungidos com a falência de Afonso XIII—possam suspeitar da origem do doutrinamento dêste artigo. Porque é aos monárquicos que dedicamos o objecto principal dêstes considerandos.

Nós nunca aqui falamos num livro, feito pelos integralistas, que se chama «A questão dinástica». Gozou foros de sensação pelas declarações de Manuel de Bragança aos mesmos integralistas. Assim, disse o ex-soberano português que em 1921 se agitava, na imprensa de Madrid o «espantallo do perigo comunista em Portugal» para justificar a intervenção armada que Afonso XIII desajava effectuar contra a Pátria de Nun'Alvares. Solicitava-a mesmo da S. D. N. A imprensa espanhola de então andava aterrada com a nossa República e acarinhava os desejos dos nossos monárquicos, que por lá andavam a lamuriar-se.

E o Bourbon escutava-os.

Desta, nunca êles se livram.

Agora voltou-se a face das coisas.

São os nossos jornais monárquicos que agitam o tal espantallo para se-mear o pânico... agitam-no como evidência autêntica entre os espanhóis.

As voltas que o mundo dá!

Agora como dantes.

Ontem os hespanhóis... hoje os portugueses.

Gratidão e velha amizade... de correligionários.

Há uma diferença que é justo frisar: *de cá não se pensa em intervir lá.*

Porque Portugal tem o sentimento da independência—mesmo que pudesse fazê-lo!—não tentava uma tal arbitrariedade. Certo é que não vieram nem vêm cá os espanhóis pedir a nossa interferência nos seus negócios internos.

Os monárquicos portugueses é que tiveram outrora essa veleidade. Mas a história repete-se (e de que maneira!)

Que os monárquicos meditem.

H. BELÉM.

Mentiras históricas, etc.

Nós temos pela verdade um certo culto. Quando lêmos história compenetramo-nos do depoimento escrito. Mas, havemos de sempre reprovar os torcidos da história ao referir-se a determinados factos.

Nada mais odioso que atribuir-se a terceiros as maravilhas de outrem.

Fazer história não é empresa fácil. Tem os seus «prós» e «contras». Nada mais ingrato!

Assim é que os cronistas aduladores foram—pela sua própria obra—denunciados aos séculos. E os seus heróis, eivados de virtude e isenção austeras, surgem-nos agora de outro modo.

Já a uma distância formidável

das ocorrências maravilhosas, uma distância multi-secular, desemmolduramos os factos da sua pesada religiosidade e propomos a uma análise fria e desapaixada. A verdade é que, acreditarmos nas pirâmides colossais de livros de história (e historietas), reconhecemos a demasia ou superabundância de heróis.

Há heróis a mais...

Ninguém duvida, sobre a história medieval, da incoerência de certas narrações. Eram adulações muito espessas. Glorificava-se não raras vezes, o monstro senhorial, assacando-lhe até—para escárneo humano!—os dotes mais em voga para formar santos.

Ainda eram santos...

...Mas só na estólida concepção do escriva officioso.

Convém dizer, entretanto, ao

leitor menos apercebido nestes pequenos escândalos da «história encomendada», que eram *escrivas officiosos*, (a designação é nossa), dos grandes senhores, os frades, ou os recolhidos dos castelos, etc.

Em tudo, a adulação. E de longe a longe—como que a interromper o «far-niente» da solidão—vem o milagre, trespassado de curiosas facécias no interminável relato do in-fólio.

Temos de reconhecer àquelas remotas gentes a simplicidade da imaginação e até o desataviado das maneiras.

O rústico cabouqueiro, e mais mourejadores de sol a sol, eram *ingénuas crianças*.

Ainda hoje o são.

E o tempo marcha.

Leão Pires.

Portugal é grande. Não se limita apenas ao «Jardim da Europa à-beira mar plantado». Estende-se através da Africa e dos grandes oceanos, chega aos confins da Asia. E na América do Sul florece a sua eterna glória: o Brazil que esmigalha os dentes dos que capciosamente nos dizem maus colonizadores. Fala por nós a história do universo e até algumas velhas legendas, espalhadas copiosamente em todos os mais vedados sítios do Globo.

Portugal tem à sua frente um vastissimo campo onde dispender energias. Torna-se—porém—deveras imperioso, para nós que tudo despresamos, o culto e a propaganda coloniais. Devemos às colónias uma atenção maior, mais íntima e proveitosa. Elas são o gigantesco complemento desta faixa de terreno, aprazivelmente ocidental. Os portugueses têm o patriótico dever de arremear para o fundo da cestinha dos farrapos aquela usança atávica de dizer que Portugal é um País pequeno.

Pequeno é apenas—e às vezes por espaçados tempos—na falta de bom senso. No mundo de hoje (afinal foi sempre assim!) desencadeiam-se temerosos apetites. E Portugal, que usufrui a categoria de quarta potência colonial, está no «index» de certos comilhões. A boa política dos portugueses, revelada através dos séculos no dominio colonial, o tacto administrativo e a firmeza das medidas adoptadas a dentro do âmbito colonial, legaram-nos invejáveis qualidades de vida.

Saibamos, em conjunto, aproveitá-las... que são a garantia do nosso futuro. Mas tenhamos a coragem de fazer em prol das possessões ultramarinas alguma coisa de útil—que vá além de palavras. Que todos ponham os olhos no exemplo frizante, patriótico e altamente significativo do Sr. General Norton de Matos, o maior colonialista dos últimos tempos.

Como portugueses, devemos prever o perigo da «absorção»; em presença do que, se nos afigura da máxima prudência o revelar-nos ao estrangeiro—com aturado esforço de propaganda consciente—os nossos dotes de colonizadores. Fazê-lo, é dum alto e indiscutível patriotismo. Mesmo, porque é de boa lógica fazer compreender aos que nos olham de insofrida esguelha o que somos e o que valemos.

Que não somos uma raça de falidos, mas sim um povo admirável que alguma coisa de importante significa no aglomerado das nações. Que temos a exactissima noção daquilo que nos pertence. Que havemos de defender o que é nosso. Mesmo à custa de muitas vidas. Que o que é nosso é nosso.

Portugal é grande.

R. B.

Este número foi visado pela comissão de censura

A semana da tuberculose

Lá passou, mais uma, como um vagalhão de increpções e de murmúrios. O que sobre este capítulo se tem feito em Portugal, é relativamente pouco. Quasi nada ante a enormidade do portentoso flagelo. «A Velha Guarda» deve, a esta desgraça nacional, duas palavras de reprobção. Como portugueses, lamentamos condôidamente a pluralização sempre crescente do tétrico bacilo.

Mas—sejam coherentes, mesmo eivados da dôr que martiriza tantos irmãos nossos—dá-nos vontade de perguntar:—a que visam os espaventos de tanta conferência?—O estrôndo de tanta falácia?—Temos de confessar que a «Semana da tuberculose» serve apenas de mero exhibicionismo a meia dúzia de individualidades mais ou menos aptas a despejar ciência sobre o terrível mal. Ao cabo de tanto esforço oratório, a fechar como que a cruzada de tantos «Solons», deparamos, semi-mortos de pavor, com estupendas estatísticas referentes ao flagelo.

E vemos, sempre e sempre, o aumento fabuloso de tuberculosos. Da leitura—embora rápida como a vertigem—quasi nos sentimos contagiados. Lavra em nós a dúvida mais atrás... sobre o futuro da nossa raça. Afigura-se-nos, por vezes—tal o horror que arrasta o nosso espirito para lúgubres paragens!—que Portugal, o histórico fermento de atletas, é actualmente um País de tísicos.

E' que, entre tantos trabalhos encetados, tanta briga barulhenta, não vemos atacado o mal pelo lado mais vulnerável.

Deixemo-nos de hipocrisias! A tuberculose alastra sobretudo nas classes baixas, nas camadas operárias, nos obreiros das fábricas. E ainda mais profundamente nos desempregados, que se contam ás centenas de milhares.

A tuberculose fareja as prêsas nos húmidos tugúrios, no peito arquejante dos farrapentos párias. E a miséria é devastadora como a peste neste *jardim risonho e marítimo*... que—se todos o compreendessem devidamente—bem chegava para os portugueses. Antes da farmácia, urge facultar ás classes trabalhadoras uma certa independência económica, isto é: trabalho bem remunerado e pão para os seus. Este é o lado vulnerável da doença. Consegue, pelo menos, sustentar o seu avanço desolador. Depois, preenchida esta cláusula inadiável, dêmos a mais franca das expansões á nossa *tisicofobia*.

Redobremos de doses terapêuticas... destilemos sobre o mal uma farmácia inteira. Mas, primeiro que tudo, não podemos esquecer as necessidades estomacais do povo faminto e sem trabalho.

.....

Temos para nós que a «Semana da tuberculose» é uma ilusão de actividade. Trabalha-se uma semana em propaganda «pró tuberculosos». Mas, o elemento único capaz de assentar no tormento algumas machadadas mortais é o Estado. Sem este é quasi estéril o esforço dos militantes, quasi improdutivo a conjugação das melhores abnegações. Porque só o Estado pode proporcionar um conjunto de circunstâncias de molde a moderar a voracidade traçoira do microbio. Ora é neste ponto que havemos de confessar a nossa desilusão. O Estado faz alguma coisa... mas não basta... é muito pouco. Há sanatórios, casas de saúde, retiros, etc., para onde se transportam alguns tuberculosos «mais felizes». Resta porém a maioria assustadora que vegeta e morre ao abandono.

Mesmo os sanatórios, as casas de saúde, retiros, etc., não «destuberculizam» os doentes. Têm estes de morrer daquilo. Logo, quere-nos parecer deveras gran-

Festas da Cidade

Há muito já que alguém—deveras interessado pelas coisas de Guimarães—nos chama a atenção para o silêncio que, á volta das «Gualterianas», se faz ostensivamente. Não nos referimos ainda á lembrança do nosso subscritor, porque outros afazeres de redacção nos têm preocupado com mais urgência. O caso em si não devia merecer-nos estes reparos. Que a economia dos vimezanenses anda um pouco desarranjada. Mas, o que muito nos surpreende é que a velha Guimarães, *tradicionalista e apoteótica*, não se houvesse precavido contra esta realidade. No campo das hipóteses, deviam ter surgido olhos de ver. E aqui mesmo, cabe censurar o Município por, de há muito já, não ter adoptado as «Festas da Cidade». Bem sabemos que pode responder-nos com mil e uma razões excelentes, alegando coisas, etc. Mas, o que não sofre dúvidas é que outras cidades—como Braga, por exemplo—o fizeram com o cunho acen-tuadamente bairrista que as caracteriza. E nós, vimezanenses pedinchões nesta coisa de regalias concelhias, lamentamos que em Guimarães se não tomassem medidas sérias para tornar inevitáveis e grandiosas as «Festas Citadinas» que, entre lumes e usanças, foram—no decorrer de tantos anos—o encanto ou o chamadoiro de inúmeros forasteiros. O Município devia ter criado (não sabemos se é possível fazê-lo hoje!) um imposto especial que desobrigaria, esta ou aquela colectividade, de andar de porta em porta na ingrata colheita da esportula. Não houve alguém, mais experimentado, que aventurasse esse remédio salvador... deixando morrer em Guimarães—tradicionalista por excelência—aquilo que constituia uma das suas mais interessantes tradições. Porque o que anualmente se faz—à parte o louvável arranco de bairrismo de alguns vimezanenses que á obra se devotam—não presta. E havemos de constatar, para não traírmos a verdade que severamente nos oprime, que Guimarães está decaído num abandono afrontoso. Faz um progresso inverso... perde, sem protestos, o que afadigosamente conquistou. E isto representa a falência, lenta e criminosa, duma região cheia de elementos vitais... duma região onde é possível a mais justa das prosperidades. Aqui se danifica o nosso orgulho de vimezanenses. Porque—se bem que pouco dados a tradicionalismos—temos um certo prazer sádico no convívio das folgas puras e simplesmente populares. Além de outros convenientes...

As «Festas Gualterianas» podem ainda reviver se, num esforço suprémo, se juntarem as vontades tôdas de Guimarães.

Avante pelas Gualterianas!
E o Município, se é que preza as suas coisas, que interceda.

D.

Cidadãos!

Recenseai-vos. Se, sobre o acto, se suscitam dúvidas no vosso espirito, ide ao Centro Republicano colher informações.

Ali encontrareis, de dia ou de noite, quem vos informe.

dioso o espectáculo de um Portugal transformado; isto é: um Portugal onde todos tenham pão e trabalho, onde desapareça a miséria que tanto envergonha a civilização presente. Em suma: um Portugal mais português.

Aguia-Verde.

União Republicana

Os inimigos da República ficaram atônitos com a Organização da Frente Unica Republicana. Foi como que um *jugo* que lhes caiu sobre o *cachaço*, enorme pesajê-lo que veio atormentar a pacificação do sonho de mil venturas!...

Sim, foi um enorme pesadêlo porque os inimigos da República não acreditavam na União dos Partidos. Para suas excelências, a palavra «União» era uma *blague*, sempre que os Partidos diziam que estavam unidos. Hoje, que vêem que é uma realidade, ei-los a caluniar os nomes que constituem o Directório da Aliança dos Partidos.

Por isso, a União Republicana, indispensável na hora que passa, não é um *balão de ensaio*—como afirmam os reaccionários—mas é, sim, a formação da mais forte alavanca dos Partidos. Todos os Partidos estão unidos, e unidos se manterão. A República, que tem resistido a tôdas as arremetidas que lhe têm preparado os seus inimigos, há-de viver.

A experiência—que é a mestra da vida—tem demonstrado o que é necessário fazer-se—dentro da Ordem e da Justiça—para que, de uma vez para sempre, desapareça a ambição dos aventureiros profissionais.

Assim o pensamos e assim ter-á de ser.

Talho Municipal (Regulador)

Abriu há dias o talho regulador dos preços de carnes verdes, construído junto ao Mercado desta cidade.

Todos os vimezanenses têm a obrigação de se fazer abastecer da carne—vaca ou vitela—que no mesmo se vende, atendendo a que, devido á sua existência, já alguns marchantes abateram aos preços antigos.

Todos os vimezanenses devem ir ao *Talho Municipal*; porque também devem á iniciativa do Digno Inspector Veterinário uma grande defesa das suas bolsas contra as desmedidas ambições dos srs. marchantes. E, se o Talho da Câmara acaba, temos novamente a carne ao preço anterior. Quere dizer: quem quizer carne para as suas refeições tem que puxar pelos cordões e gemer, pagando exorbitâncias, conforme se fazia ao tempo de não haver o Talho Municipal.

Para elucidar o público, devemos afirmar que o *Novo Talho* paga as contribuições Industrial e Camarária, ordenados, etc., como outro qualquer. Acresce ainda que os talhos particulares têm por cortadores os próprios patrões.

Os preços de vaca e vitela no Talho Municipal são os seguintes:

Vaca ou Vitela, 1. ^a , sem ôsso	10\$00
» » » com »	7\$50
» » » 2. ^a » »	5\$50
» » » 3. ^a » »	4\$00

Achamos conveniente que o Digno Inspector favoreça o mais possível o público; que em Braga são estes os preços:

Vaca, 1. ^a	9\$00	Vitela, 1. ^a	10\$00
» 2. ^a	7\$00	» 2. ^a	8\$00
» 3. ^a	5\$00	» 3. ^a	6\$00
Cabrito 6\$00 e Leitão 5\$00			

Esta tabela é organizada tôdas as semanas, segundo os preços dos mercados.

E para mais esclarecimento juntamos os preços correntes em Vila Real. São os que seguem:

Vaca, 1. ^a , sem ôsso	6\$50
» » com »	5\$50
» 2. ^a , » »	4\$50
Lombo vaca.....	7\$00
Vitela, 1. ^a , sem ôsso	6\$00
» » com »	4\$20
» » » »	3\$00

Estes últimos preços represen-



Ludovina Frias de Matos

Novidade literária

A adorável poetisa, sr.^a D. Ludovina Frias de Matos, fez-nos chegar ás mãos um exemplar do seu último livro: *A arte de dizer mal*. A novidade despertou nos a mais gulosa das curiosidades, dado o nosso fraco pela literatura feminina. E, dum fôlego, devoramos as cento e poucas páginas do livro.

A arte de dizer mal é um feixe de pequenos dramas... um todo em que se agita o coração humano.

E, quasi que a mêdo, exercita poemas curtos em alguns detalhes da sua lídima prosa. O nome da poetisa do *Para além da morte*, enfileira bem ao lado das nossas boas prosadoras. Porque a arte é, no seu temperamento vibrante, um sentimento terno repassado de feminismo nostálgico, em que se chocam saudades dôces e se ouve nos longes o eco de murmúrios tristes.

Adivinha-se, através das suas páginas, como que a aridez do deserto... um deserto poeirento cheio de fontes e frescura e onde—de longe a longe—brinca uma brisa meridional.

Longe de nós, ao falarmos dêste

livro, a intenção de criticar. Não somos críticos. Exteriorizmos tão somente o que a obra nos arrancou da imaginação.

Depois, notamos ainda que o livro pinta contrastes admiráveis. Tem bocados de crítica mordaz como: «Cabêlos curtos»; ou então, um pedaço de vida ruim, como: «Quando o fado é rigoroso» E por aí além, desde a alusão amorosa «Pérolas da rainha», á «Manon» e á «Entrevista», etc., etc., em que perpassa ora a razão moralizadora, ora a sua religiosidade, á margem de preconceitos estúpidos.

Muito interessante o livro de D. Ludovina Frias de Matos. Dizem que os livros são os espelhos psicológicos dos autores. Quere-nos parecer que sim. Quando lêmos um livro, somos capazes de fazer uma vaga referência ao íntimo do autor. Aqui, vê-se em correria a sensibilidade da talentosa escritora... a sinceridade da sua pena. Muito bem. Até a apresentação gráfica do livro é interessante. Uma capa artística.

O livro encontra-se á venda nas várias livrarias.

D. B.

tam um grande beneficio para o público e, especialmente, para as classes menos abastadas.

Entre nós

Esteve nesta cidade o nosso amigo e ilustre jornalista sr. Jorge d'Abreu, muito digno Director de «O Primeiro de Janeiro».

A Sua Ex.^a apresenta «A Velha Guarda» o melhor dos seus cumprimentos.

Ainda a extinção dos cães vadios

(Retardado)

Continuam a ser mortos com veneno os cães vadios. Há, neste caso, o crime de quem utiliza o veneno para esse fim, e o de quem o vende, crime que não é menor, porque não pode nem deve ser fornecido a tôda a gente. O que se passa, está a ser um mistério, o qual, uma vez desvendado, deve deixar alguém comprometido, e, então, esse alguém sofrerá as devidas consequências. Ainda há dias, no Car-

mo, morreu um cão envenenado, e, no mesmo local, apareceu um bocado de borã, com veneno, que qualquer criança poderia ter apanhado. A Direcção da S. P. dos Animais continua a empregar os seus esforços para a descoberta dos criminosos. Seria bom que a Polícia se interessasse também.

Para os nossos pobres

A Irmandade de S.to António, erecta na Igreja de S. Paio, desta cidade, festeja, hoje, o seu Patrono. Um dos números do programa consta duma abundante distribuição de pão a vários pobres. E', de facto, dos números mais interessantes da festa, sobretudo nesta hora em que há lares sem pão. Por isso, a referida Irmandade—que nos mandou entregar 15 senhas para contemplarmos igual número dos nossos pobres—pratica um acto de verdadeira caridade.

Assim procedessem outros, em vez de destinarem o dinheiro a músicas e foguetes.

Em nome dos contemplados, agradecemos.

Os meus instantâneos

VIII

«Gestos e Feitos»

Belgrado, 8 — O superior do Mosteiro de Konack, Monsenhor Sadreli, repreendeu o frade encarregado da secretaria do mosteiro por faltas cometidas no seu serviço, do que resultou este, passados momentos, esperar a passagem do superior, disparando sobre ele cinco tiros de revólver dando-lhe morte instantânea. — (L.)

Bela chapa, hein?!

Eu ando sempre à coca destas aves de luxo. O Padre Santa Cruz paga bem as respectivas fotografias. Fotografias que muito enriquecem a sua colecção de «especimens».

Mas, o que mais me diverte, é vêr o Nemo a ruminar tetricas coisas por via do sinistro atestado... obra (aposto que ninguém deu por ela!) da Maçonaria que — sem olhar a «encolhas» — está devassando os próprios conventos. O mundo treme e o frade é bolchevista.

Bombista...

Indesejável...

Que dirão a isto os confrades do atirador? Duas preces ao Senhor! E para dar ao gesto outro entendimento... só: canonizando o tipo. O povo destas coisas não entende e está salva a moral.

Esta Maçonaria é danada!

*

Por falar em frades:

Guimarães — terra que além de outros adjetivos, é fidalga — vai ter disto uma boa amostra. Dizem-nos (e eu nunca exagerei por scepticismo) que aqui se vão instalar alguns «congreganistas».

São — ao que estão vendo — afins muito próximos dos jesuítas. Há até quem envolva tudo na mesma massa. Já adquiri películas e kodak para as freiras... que também vêm.

Vão instruir o povo... e...

Eu até gostava de ser aluno duma freira sem rubage, duma freira que me desse compotas de cereja e licôr de ameixa e... beijinhos do mar.

Coisas do fado! diz a gentinha do soalheiro. Se é assim, aí vai para os «amadores da guitarra»:

Guimarães, tu porque choras
Que andas tão amargurada? —
Padres e freiras não faltam
Que mais quer's, oh terra amada?!

A música é a do «corridinho».

*

Eu sou um «fotógrafo amador oportunista». Aí vai um cliché apanhado de repente no «Século» do dia 9:

D. Manuel de Bragança não renunciou inteiramente à vaidade. Obtem anualmente vários e numerosos prémios nas exposições de horticultura, com as suas batatas e tomates, que não têm rivais. Cultiva a sua horta e vive como um honesto homem do grande século.

Além de outras ocupações habituais: leitura e escrita, etc.

O ex-soberano é, pelo menos, mais inteligente que os seus subditos e lacaios. Bateu no vinte.

Os seus subditos e lacaios é que não perdem a mania da restauração...

Quando é certo que o que deviam fazer primeiro era cultivar «batatas e tomates».

Fazerem se horticultores...

Só para isso têm jeito. Que os monárquicos sigam o exemplo do lavrador de Twickenham.

Recolham-se à privada.

*

Tem graça!

O pároco da Oliveira (perdoei-me o sacrilégio) disse aos fiéis estarecidos que a «Rússia se havia passado para a Espanha».

Muito se encolheu o leopardo nevado para caber entre os Piri-neus e a nossa fronteira.

E o pároco aprazou os ditos

LEI DO RECENSEAMENTO ELEITORAL

- 1.º O dec. n.º 19.694, que organiza o recenseamento eleitoral, cria três recenseamentos:
 - a) O geral do concelho, bairro ou circunscrição.
 - b) O especial dos eleitores de Juntas de Freguesia.
 - c) O das corporações e associações com direito a voto.

Estes recenseamentos são organizados pelo secretário da Câmara — o único funcionário recenseador, art. 6.º § único e n.ºs 2 a 9 e art. 9.º § 2.º.

As Juntas e os regedores não organizam recenseamentos, mas sim cadastros de eleitores das freguesias (art. 7.º n.º 2), exercendo, por esta maneira, uma função meramente auxiliar. Os cadastros devem conter, sem necessidade de requerimento:

- 1.º Os nomes dos cidadãos paroquianos a quem as Juntas e o regedor reconheçam como chefes de família propriamente tais.
- 2.º Os dos paroquianos que, conhecidos das entidades referidas, por elas devam ser considerados chefes de família nos termos do decreto.
- 3.º Os cidadãos que sendo desconhecidos do regedor e da Junta, perante estes provem que são chefes de família ou que, como tais, devam ser considerados.

Para todos é necessário que o domicílio seja, na freguesia, superior a seis meses.

Desta forma, organizado o cadastro, completa ou incompletamente, é enviado (art. 7.º, n.º 2.º) ao funcionário recenseador.

Quais os elementos de que o Secretário da Câmara se deve utilizar para a confecção de um bom recenseamento, como a lei lhe impõe em o n.º 6.º do art. 7.º?

a) Os que éle officiosa e obrigatoriamente tem de colher das repartições públicas e dos párocos (n.º 6.º cit.).

b) Os referidos em os números 2 a 9 do art. 7.º.

c) O requerimento que qualquer cidadão com direito a voto poderá apresentar-lhe, devidamente instruído, pedindo a inscrição do seu nome nos cadernos eleitorais, art. 7.º, n.º 7.º.

Como se vê, a lei diz: com direito a voto e inscrição nos cadernos eleitorais.

Não distingue, não faz restrições.

E onde a lei não distingue, não pode o intérprete distinguir.

Assente, portanto, que o secretário da Câmara é o único funcionário competente para recensear; verificado que todo o cidadão com direito a voto, seja este qual fôr, tem a faculdade de apresentar ao secretário recenseador um requerimento pedindo a sua inscrição nos cadernos eleitorais, e que faz o secretário da Câmara, quando um requerimento lhe seja apresentado? Lê-o, vê o pedido, examina a documentação e, se tudo estiver em forma, inscreve o requerente no respectivo recenseamento, sob pena de, não o fazendo, dar lugar a reclamação para o magistrado competente, fundada no facto de que tendo o reclamante direito a voto e havendo requerido a sua inscrição, deixou de ser recenseado no caderno ou cadernos que lhe competiam. Art. 8.º § 2.º n.º 2.º.

fiéis para, na passada sexta-feira — e no declínio da madrugada — fazerem com êle uma oração especial ao Altíssimo.

Para que de Espanha cá não venha a Rússia.

Ora bolas! Isso é fazer pouco dos outros... já enfastia.

A Rússia, a Rússia, a Rússia!... Que horror!

Não sabem outra coisa. Nem de propósito!

Entretanto, a oração livra-os de tossir depois de mortos.

Como antídoto, não têm sido dos melhores entre os fascistas.

E' velho e revelho e... frágil.

Agora usam-se as injeções!

No pretérito dia 8 foi o feriado municipal de Guimarães.

Muito bem.

Pergunta-nos um amigo, correligionário e colaborador de «A Velha Guarda», a razão de algumas repartições — entre as quais destaca o Município — não hastearem a bandeira nacional.

Eu sei lá! Nem dei pelo facto. Se calhar, foi esquecimento.

Sacerdote amoroso?

Eu sou, às vezes, um bocadinho indiscreto. Ora imaginem que a objectiva do meu kodak apanhou esta coisa típica: um jovem clérigo — faces de arrebol e olhos indecisos — enviou, a uma «julietta» cá do burgo, uma apaixonada carta de namoro.

Não sei se a pequena aceitou ou lhe pregou uma «tampa». Mas o que noto é que o mancebo se vai integrando no século.

Porém — e balbuciai doces lamúrias, pobres vítimas do amor! — de que valia o assentimento da pequena?

Se nem o D. Henrique (e mais era «inofensivo» e velho e mamão) arranhou licença para casar!

O papa é inexorável!

Sobre isso, está escrito! Há que grammar a natureza do avêssol

Ricardo de S. Gil.

Câmara Municipal

Sessão de 3 de Junho

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Balanço:

Ficou inteirada do balanço dado pelo respectivo tesoureiro, relativo à semana finda em 30 de Maio último, acusando os seguintes saldos:

Depósito na Caixa E. Portuguesa . . .	290.000,00
Existência em dinheiro no cofre . . .	9.872,17
Total . . .	299.872,17

Ofícios:

Do Governador Civil, comunicando ter sido concedido o subsídio para a construção da estrada que liga o alto de S. Simão, com o lugar do Outeiro.

Do Engenheiro-director da Junta Autónoma das Estradas, comunicando ter embargado a construção duma parede de vedação à margem da E. N. n.º 5.

Do administrador do concelho.

Do mesmo, transcrevendo um officio dirigido pelo comandante da secção da G. N. R., relativo ao aprisionamento de galinhas que andam soltas em Vizela.

Do administrador do concelho informando que, relativamente à doente Maria Ferreira, a mandou procurar sendo esta encontrada a trabalhar na Fábrica da Avenida e tendo declarado não querer ser internada.

Do Consul dos Países Baixos, no Pôrto, pedindo uma informação.

Foram deferidos vários requerimentos e outros ficaram para estudo.

Projectos:

Foram aprovados vários projectos.

Deliberou, atendendo aos longos anos de bom e efectivo serviço prestado pelo falecido con-

tínuo da Secretaria da Câmara, João António Ramos, conceder o subsídio de mil e cem escudos para as despesas feitas com o seu funeral.

Autorizou pagamentos.

Bombeiros V. de Guimarães

Alguém nos informa que está marcada para o próximo domingo, em segunda convocação, a reunião dos sócios da Associação H. dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, para em Assembleia Geral ser discutido se sim ou não deverá ser arrendada, por cinco anos, a Parada, para fins recreativos, a determinada empresa que a pretende explorar. Nós, como vimaranenses, julgamos em absoluto contraproducente tal arrendamento, porquanto a Parada é destinada a exercícios dos nossos bombeiros e não deve, portanto, ser arrendada a prazos tão longos, em virtude do seu piso normal vir a sofrer desnivelamento. O arrendamento da Parada ainda poderia ser tolerado a prazos relativamente curtos, como aconteceu há dias, quando ali esteve o circo.

Aguardamos a resolução e depois voltaremos ao assunto, se fôr necessário.

J. M.

Falecimento

No passado dia 30 de Maio faleceu, inesperadamente, o antigo contínuo da Câmara Municipal, sr. João António Ramos, pai dos nossos amigos Américo, José e Fernando Ramos e da Esposa do também nosso amigo Virgílio Osório, 2.º sargento de infantaria. A sua morte foi muito sentida.

A queles nossos amigos, embora um pouco tarde, o nosso cartão de sinceras condolências.

Assuntos de Instrução

O problema máximo...

Pergunta na sua secção «Mulheres e Crianças» a ilustre escritora D. Maria Clara Correia Alves se «o grande problema a resolver, em primeiro lugar, não deveria ser, talvez, o da Instrução do Povo».

Já pelas premissas dos raciocínios desenvolvidos, já pela indiscutível influência que exerce em todos os actos da vida humana, não tenha dúvidas, não admita restrições, ex.^{ma} senhora.

O problema da Instrução do Povo, a anulação dos terríveis efeitos do analfabetismo, cancro hediondo do século dos «sem-fios» a extirpar com toda a urgência, é o problema máximo do nosso país.

Os movimentos humanitários realizados há pouco — «Semana da Higiene» e «Semana da Tuberculose» — rebuscaram os mais tremendamente importantes elementos de informação lúgubre na condição do analfabetismo, isto é, na ignorância e no iletrismo, na inconsciência de graves perigos das camadas mergulhadas na treva; e os seus resultados práticos, as suas conseqüências de eficiência benéfica que deveriam de ser, resultarão problemáticas enquanto esta causa subsistir.

Mas creia também V. Ex.^a que já somente constituem uma falange muito diminuta os chefes de família que se desinteressam pela instrução educativa dos seus filhos.

Prova eloqüentíssima desta afirmativa reside no facto de se povoarem exuberantemente as escolas públicas quando foi instituído o serviço desdobrado nas escolas primárias; e a confirmá-la está igualmente a ansiedade com que as populações rurais esperam pela criação e apetrechamento da sua escola.

Claro está que não deve ser desprezado o mínimo elemento do condicionalismo que informa uma escola em equação com a sua função social, para garantir-se a qualidade da sua produção e preservar-se contra a irregularidade da frequência que briga com a quantidade.

O factor — Escola — como as necessidades da instrução educativa e as condições razoáveis da sociedade actual exigem; o factor — Professor — colocado na situação firmemente independente das influências da penúria e disfrutando da gradação social que a sua augusta missão implica, são os factores que obrarão essa tarefa maravilhosa da preparação da população portuguesa para a recepção de processos de aperfeiçoamento dos hábitos de viver e prolongar a existência.

Isto é assunto até já gasto demais.

Convençam-se, porém, todos de que, enquanto as coisas se passarem como se passam neste departamento da administração pública, não é lícito a ninguém desejar nem mais nem melhor.

Guimarães-Junho-1931.

BABINO.

Teatro Gil Vicente

Na última semana foram passados alguns interessantes films de sensação. Hoje será exibida a empolgante produção cinematográfica «O Ocidente», em 10 maravilhosas partes. Além disto, o programa é composto por uma farça cómica e uma revista portuguesa.

Republicanos, recenseai-vos. Pela lei!

«A Velha Guarda», é o jornal do Povo. Lêde-a e fazei-a circular.

O melhor café é o d'A BRAZILEIRA

DEPOSITÁRIOS:

Francisco Joaq.^m de Freitas & Genro

Torrefacção primorosa
Todos os dias moído electricamente

70-TOURAL-73
GUIMARÃES

FABRICA DE PENTES DO RIBEIRINHO

FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS
ARMAZENS EXPORTADORES
TELEFONE N.º 128
GUIMARÃES - Portugal

CASA DAS GRAVATAS

DIAS & CARVALHO, L. DA
CHAPELARIA,
CAMISARIA E
GRAVATARIA.
43 - Rua da República - 47
TELEFONE N.º 188
GUIMARÃES

CARLOS DE LEMOS

(MARCA 54)
FABRICA DE CUTELARIAS
MIRADOURO - GUIMARÃES
Cutelarias em aço fino das
melhores procedências

PADARIA ALMEIDA

DE
José Mendes Guimarães
Rua Elias Garcia, 63
GUIMARÃES
Cereais e Farinhas

PHILIPS RADIO

OS MELHORES RECEPTORES

Representantes:

BERNARDINO JORDÃO, FILHOS & C.^A
GUIMARÃES
TELEFONE 22

Grande Armazem de Exportação

DE
Augusto Mendes

Rua de Gil Vicente
GUIMARÃES

Calçado,
Cutelarias
e Pentes

CASA DE SANTA TERESINHA

RUA DA REPÚBLICA, 122
GUIMARÃES

Papellaria e Livraria

Artigos Religiosos e
Objectos de escritório

Pasta dentifrica CORALIA

Sendo quimicamente neutra é a
única que dá aos dentes a
côr natural do marfim.
Telefone, 73
Vende-se em tôdas as farmácias e
perfumarias.

CASA HIGH-LIFE, Filial

de Benjamim de Matos & C.a, L.da
Tourol - GUIMARÃES

Telefone, 64

O seu intento é, com os preços e qualidades de
todos os artigos que vendem, convencer o público
de que se esforçam o máximo para lhe fornecer
artigos bons e garantidos por preços razoáveis.
SECÇÃO DE MODAS.

Antiga Casa Patrício

José Fernandes Martins
Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES

Pão de Ló de Margaride (de Leonor
Rosa da Silva).
Especialidade em artigos
de mercearia fina.

A. J. Ferreira da Cunha

Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES

Sortido completo em ferragens
finas e para usos industriais.

Papelaria Central

Telefone, 149
Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES

Artigos fotográficos.
Única casa da especialidade.

Armazem de Mercearia

por junto e a retalho

DE
Francisco Lopes Martins
Rua de Gil Vicente - GUIMARÃES

Depósito de telha Marselha
e tubos de grés. Telefone, 101

GRANDE HOTEL DO TOURAL

TELEFONE N.º 74

O maior, o mais central e o mais
bem frequentado e confortável.
Serviço de mesa primoroso
para dieticos e não dieticos.

PENSÃO DE GUIMARÃES

DE JOAQUIM DA SILVA
19, Travessa de Camões, 21 - GUIMARÃES

Almoços a 8\$00. Jantares a 10\$00.
Diárias de 14\$00 a 25\$00.
Quartos excelentes e cozinha á por-
tuguesa. Iluminação eléctrica.

João do Couto Salgado

CHAMADAS - Telefone, 222

Mudou o seu escritório de
solicitador para
a Rua 31 de Janeiro, 111
GUIMARÃES

Fábrica de Guarda-sois e Chapéus

DE
FARIA & FERNANDES, L.da
51, Largo Prior do Crato, 54 - GUIMARÃES
49, Praça D. Afonso Henriques, 50 (Filial)
Telefone n.º 89
Agentes oficiais dos pneus FIRESTONE
Representantes do capacho IDEAL

Oficina de Serralheria

DE
SEBASTIÃO MENDES
Rua de Vila Verde - GUIMARÃES
Encarrega-se da manufactura de toda a obra que
diz respeito á sua arte, tais como: Portais para
quintas, cozinhas de ferro, ramadas, etc., etc., etc.
Especialidade em alicates, torqueras, fechaduras e pedrezos.

Leite & Figueiredo

Materiais para construções
Cal, tintas, vernizes, tubos
de grés e telha de Marselha.

Largo da Condessa do Juncal - GUIMARÃES

CARREIRAS DE CAMIONETE

ENTRE GUIMARÃES E PORTO

João Ferreira das Neves

Escritório:

Casa Almério Ferra
Tourol - Guimarães

António Ferra, Filho

Largo D. Afonso Henriques
GUIMARÃES

Completo sortido em ferragens finas
e artigos de menage.

Escritório de Camionetes para o Porto

JOSÉ MENDES GUIMARÃES

R. de Gil Vicente, 71 - GUIMARÃES

Depósito da excelente palha tri-
lhada em fardos, bancas de
lousa para barreiros, oleados
e carvão de coque para cosinha.

Braga & Carvalho, Limitada

Praça de D. Af. Henriques - Guimarães

TELEFONE, 78

ARMAZEM DE MERCEARIA FINA
e Escritório das Camionetes para
Braga e Porto.

CASA IDEAL

DE Joaquim Leite Monteiro

Rua 31 de Janeiro n.ºs 28 e 30
Telefone n.º 181

Encarrega-se de concertos em tôdas as
Máquinas de escrever (qualquer marca)
Serviços garantidos. - Preços módicos.
Agente das Máquinas Smith e Corôna.

L. D'OLIVEIRA & C.^a

Rua da República
(Junto ao Banco do Minho)
GUIMARÃES

Completo sortido em tabacos
nacionais e estrangeiros.

LIVRARIA E PAPELARIA.
VALORES SELADOS.

Sapataria Elegante

DE
Artur d'Oliveira Sequeira
Largo Prior do Crato
GUIMARÃES
Especialidade
em
calçado fino e concertos

MANUEL MACHADO

Miradouro - Guimarães

Marca 53 (Registada)

Fabrico de cutelarias.
O melhor no género.
Acabamento garantido.

Joaquim Ribeiro Moura

(Marca 35)

Pisca - GUIMARÃES

Telefone n.º 167

Fábrica de Cutelarias e Tecidos

Premiada nas várias exposições a que tem concorrido.

A titulo de experiência, aconselha-se
uma visita a esta acreditada casa.

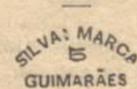
FOTO - BELEZA

DE MANUEL ALVES MACHADO

Rua 31 de Janeiro, 97 - GUIMARÃES
GALERIA DE ARTE Telefone n.º 216

Executa com a máxima perfeição amplia-
ções em todos os tamanhos.
Acabamentos em trabalhos de amadores e
todos os serviços concernentes a esta arte.

Marca da Fábrica



Registada

Endereço telegráfico:
SILVA 5-Guimarães

FÁBRICA DE CUTELARIAS: SILVA MARCA-5

A MELHOR DE PORTUGAL

Fundada em 1882

Premiada em tôdas as exposições a que tem concorrido

José Francisco da Silva, Filho & Genro

MIRADOURO - GUIMARÃES